



Os destinos do extremo¹

Marcus André Vieira²

Resumo: o texto refere-se a um episódio do cotidiano de uma grande cidade brasileira trazendo uma pergunta sobre as contribuições do analista para uma reflexão política sobre a violência. Propõe que se tome o termo “crueldade” de forma análoga a “trauma” na obra de Freud, tal como lida por Lacan. Ele indica o ponto de convergência e localização dos extremos do dizer. A aposta do autor é a de que, uma vez situado, para cada um o ponto onde em sua história se insere este limite, torna-se possível encontrar um destino aos extremos do dizer, não necessariamente por meio de extremadas ações.

Palavras-chave: violência; trauma; crueldade; analista.

Uma análise é uma investigação muito especial de si. Ela assume que as ocorrências da vida contam relativamente menos do que o modo como foram vividas. Apostar, assim, em uma causa subjetiva para o sintoma faz o interesse migrar do acontecido para o imaginado. Ganha lugar de destaque o que antes era quase nada: o fantasiado, o vivido por tabela, por ouvir dizer ou ainda por descuido.

No entanto, libertos da âncora dos fatos, até onde ir? Afinal, boa parte de nossos gostos e fantasias nos precedem. São constituídos antes mesmo de sermos alguém, como a receita do bolo da avó que nos embriaga ou a melancolia de um pai a nos assombrar. Nesse emaranhado de ideias e desejos, Freud

¹ Este texto foi redigido como apresentação do livro *Ódio, gozo e segregação* (Rio de Janeiro: Editora Subversos, 2012), que reúne textos de um colóquio sobre a crueldade. À esta apresentação, foi acrescentado um episódio narrado no livro, por iniciativa das editoras da Revista Responsabilidades, a quem agradeço.
[Capa e índice do livro](#)

² Psicanalista, Membro da EBP/AMP (AME). Diretor do Instituto de Clínica Psicanálfica do Rio de Janeiro (ICP-RJ).

ensina a reconhecer o marco zero, o limite a partir do qual estamos em nossa vida e não na dos outros. *Trauma* será, para ele, o nome desse instante em que se assinala a certeza de um antes e de um depois.

Invariavelmente ele se apresenta em figurações de uma perda que deixa marcas. É que a âncora do ser define-se como o que lhe falta. A vida pode começar em fantasias, mas elas já nascem como cenas de uma virada, do momento em que perdemos o éden do gozo e nos tornamos o que somos.

Ao mesmo tempo, como sintetiza Lacan, tanto *a palavra é a morte da Coisa* quanto ela é, como tal, *interditada ao ser falante* - lembrando que, no ponto do trauma, se institui igualmente a Lei. Há um "pode X não pode" escorado na certeza de que tudo saber ou lembrar, assim como tudo ter ou viver, levaria à dissolução de si. Só há vida fora do paraíso, já que só somos após a queda.

Certo, mas na periferia do "si mesmo" não reina a paz. Nessa faixa de Gaza subjetiva, anuncia-se a presença do gozo "como tal" e pululam fragmentos do absoluto: a mãe proibida, uma criança espancada, um riso sem rosto. São cenas do paraíso, pedaços de um "fora de mim", que geram extremas reações. Com relação a eles reina total ambiguidade, pois tanto são tudo o que mais desejo quanto meu maior inimigo. Eles respondem pelas experiências mais intensas de angústia e ódio, mas também de êxtase e amor. Por eles, como canta Arnaldo Antunes, *fico fora de si*.

Apesar de a fundação de si declinar-se, muitas vezes, em saudade e violência, ou ainda em desamparo e angústia, uma análise pode mudar o modo como ela nos afeta. Talvez seja por isso que o analista é convocado a responder quando a civilização encontra o que a Lei não recobre. O que ocorre em uma análise pode servir ao horizonte da cultura? É possível passar dos limites e voltar para contar a história? De que modo? De que maneira o analista pode contribuir com uma reflexão política com relação à violência?

Recordei-me de uma situação: dia desses, fui à Maré³ almoçar na casa de amigos, com minha família. Estacionei o carro, fomos recebidos pelo pessoal da casa, todos se abraçando, gente querida. Então, dois jovens rapazes, um com uma metralhadora e o outro com um fuzil, aproximaram-se de mim. Estresse. O estranho ficou por conta da educação e da delicadeza com que me abordaram, pedindo para que eu mudasse um pouco o carro de posição, pois atrapalhava a

³ A favela da Maré, maior do Rio, contando no último censo (2002) com cerca de 130000 habitantes.

passagem dos demais. Muito estranho, em vista daquele fuzil atravessado entre mim e ele, além do outro rapaz logo ao lado, com a metralhadora. A seguir, agradeceram-me e foram embora.

Entreí na casa de meus amigos tendo em mente uma fala que, dizem, seria de Tom Jobim: "O Brasil não é para principiantes". Realmente, uma situação dessas, já corriqueira, nos deixa sem saber muito bem o que acontece em nosso país. "Está vendo? Eles não são maus", poderia dizer, e ouvir um "você é um iludido, um romântico". De um lado, meus filhos correndo risco; de outro, aquele menino com todo jeito de bonzinho e que provavelmente já havia acionado aquele gatilho muitas vezes.

Seria melhor mudar um pouco a frase atribuída a Tom Jobim. "Principiante" dá a entender que existe alguém que é tarimbado, que sabe. Talvez seja melhor dizer que o Brasil não é para simpatizantes. Simpatizante é aquele que segue a opinião, apoia as flutuações emocionais, certezas, a opinião do senso comum, do jornal. O clima de que precisamos hoje é outro: não ser simpatizante, nem antipatizante. Algo mais em torno da inquietação e da perplexidade parece poder nos servir melhor.

Que possamos deixar de lado, ao menos temporariamente, certezas que sejam apoiadas na opinião. E que as nossas certezas sejam outras, pois sabemos que se olharmos de perto, não é o Brasil que não é para principiante, é o homem. O ser humano não é para principiantes, não é para simpatizantes. Só se atinge algo do humano quando se decide dedicar um tempo e um tanto de sua vida para lidar com isso.

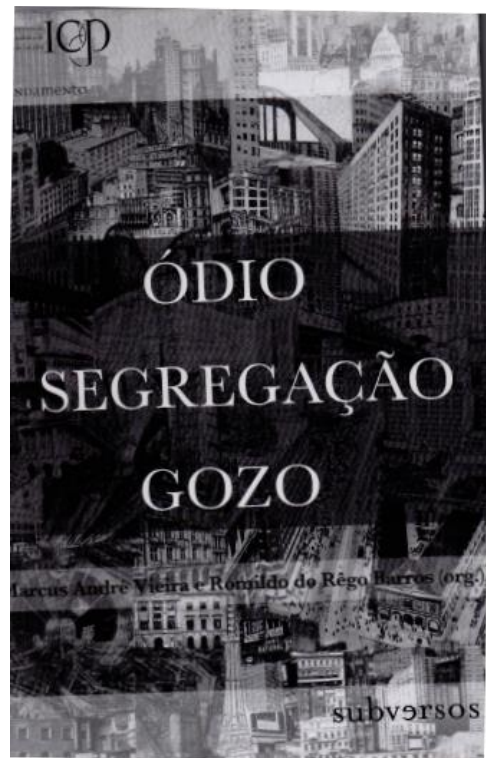
Produzir algumas certezas desse tipo é a nossa ambição. Para isso, contamos, na análise, com o analista, com uma espécie de presença. Nutrimos a aposta de que sempre é possível encontrar um destino aos extremos do dizer, não necessariamente por meio das mais extremadas ações.

Não há uma teoria da crueldade, mas declinações do ódio, da segregação e do gozo, nos mais variados planos da experiência e da teoria lacaniana. Crueldade não se confunde com nenhum dos três, mas aos três é comum e, nisso, impede que sejam hierarquizados. Não há ordem, nenhum plano é tido por mais evoluído ou primitivo, por exemplo. Se quisermos nos manter no fio da experiência analítica, nos é interdito, para arrumar a casa e escapar dos Pingos que nos rondam, convocar uma ordenação como essa. Como dizia Lacan, nada como o pensamento do primitivo para tornar primitivo o

pensamento. Quanto ao tema da violência, supor, de um lado o mais elevado e humano e, de outro, o baixo e desregrado, só produz mais segregação e violência.

Crueldade funciona, tal como o trauma em uma análise, como ponto de convergência e localização dos extremos do dizer. Ao substituímos um pelo outro, claro, muda-se o tom. A ênfase recai menos sobre a vítima que sobre o agente - em seus aspectos mais violentos e nocivos. Não houve, para nós, no entanto, em nenhum momento, uma clínica da crueldade, como a de uma população específica, nem adjetivos ou conceitos que nos permitissem apontar, de fora, confortavelmente, para os "desumanos". Cruéis, é claro, existem, mas nem perversos, nem pré-simbólicos, que eles sejam abordados a partir do que a crueldade confina com o que em nós é extremo e produz muitas vezes barbaridades a serem combatidas sem hesitação.

A certeza maior é que o destino dado ao inumano em nós será sempre o verdadeiramente decisivo. Ele pode ser passional, mas nem sempre violento, visando a eliminar o Outro ou blindar-se contra ele. Sempre há outro caminho, o que faz com que, como lembra Lacan, de nossa posição de sujeito nunca deixemos de ser responsáveis.



Copyright © Subversos e Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro
Direitos desta edição reservados à Editora Subversos, 2012

024

Ódio, segregação e gozo / Organizadores Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros. - Rio de Janeiro: Subversos, 2012.
224 p.
ISBN 978-85-62062-05-6 (broch.)

1. Psicanálise. 2. Violência. 3. Ódio. 4. Segregação. 5. Gozo. 6. Ato. I. Vieira, Marcus André. II. Barros, Romildo do Rêgo.

CDD 150.195
CDU 159.964.2

PREPARAÇÃO TEXTUAL E REVISÃO:
Subversos

CAPA E PROJETO GRÁFICO:
Subversos

ILUSTRAÇÃO DA CAPA E DA QUARTA CAPA:
Metropolis, Paul Citroen
Fotocolagem, 1923.

SUBVERSOS LIVRARIA E EDITORA
Endereço para correspondência:
Rua Maria Eugênia, 285 - casa 1, apto. 201
22261-080 - Rio de Janeiro, RJ
tel.: 21 9664 2506
subversos@subversos.com.br
<http://www.subversos.com.br>
<http://blogdasubversos.wordpress.com/>
subversoseditora@gmail.com

SUMÁRIO

Apresentação

Marcus André Vieira 9

Abertura

O Colóquio

FIGURAS LACANIANAS DA CRUELDADE: SEGREGAÇÃO, ÓDIO E GOZO

Glória Maron 15

Onáina Maria Rodrigues Machado 16

Romildo do Rêgo Barros 18

Marcus André Vieira 20

O objeto da segregação

O QUE A ANGÚSTIA PODE NOS ENSINAR SOBRE O OBJETO DA SEGREGAÇÃO?

Maricla Ciscato e Isabel do Rêgo Barros Duarte 25

O LOBO, O HOMEM E O LOBISOMEM: ENUNCIÇÃO DA LEI E ESTADO DE EXCEÇÃO EM GREGGIO AGAMBEN?

Cláudio Oliveira 37

COMENTÁRIOS

Ana Lucia Lutterbach-Holck 60

DISCUSSÃO 64

Ódio, um sentimento lúcido

ÓDIO, UM SENTIMENTO LÚCIDO

Rodrigo Lyra e Carlos Camargo 83

LUCIDEZ DO ÓDIO E VIOLÊNCIA DA DECISÃO

Antonio Teixeira 95

COMENTÁRIOS

Ram Mandil 107

DISCUSSÃO 111

Gozo

MAIS UM EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA POLICIAL NO RIO DE JANEIRO: QUEM CONFUNDE O QUE?

Luiz Eduardo Soares 127

DO IMPERATIVO DE GOZO À PASSAGEM AO ATO

Flávia Brasil e Rodrigo Abecassis 141

COMENTÁRIOS

Christina Daba 163

DISCUSSÃO 169

Conclusão

Romildo do Rêgo Barros 185

Bibliografia ponderada

Natana Cordeiro 195